

Radar Ensaio

Viriato Soromenho-Marques



A Europa alemã

O título deste artigo copia o da mais recente obra de Ulrich Beck (*Das deutsche Europa*), em boa hora traduzido para português pelas Edições 70. Beck é – juntamente com o clássico Jürgen Habermas, e com o já veterano Peter Sloterdijk – um dos mais criativos intelectuais alemães em exercício. É um sociólogo como ainda se consegue ser na Alemanha. Um pensador da sociedade, e não um mero processador de dados quantitativos. O seu livro é um ensaio, lúcido e angustiado, sobre a agonia europeia em curso. Beck não perde tempo com fantasias, nem caminha com pés de lã. Hoje, a Europa dos 27 países da UE é inequivocamente alemã, no sentido em que nada se passa na Comissão Europeia, no Conselho Europeu, no Parlamento Europeu, no Banco Central Europeu, nos governos nacionais, que não tenha de merecer a aprovação do governo liderado pela chanceler Angela Merkel.

UMA MUDANÇA SUBSTANCIAL – O perigo de uma Europa alemã ameaça toda a Europa, incluindo o povo alemão. Até à unificação alemã (1990), o país manteve-se fiel ao lema que Thomas Mann formulou em 1953: o futuro da Alemanha só poderia ser o de uma Alemanha europeia, e não o de uma Europa alemã. Como foi possível chegarmos a este novo pesadelo? Mais penoso ainda, porque sendo hoje a Alemanha um país democrático, a hegemonia alemã transforma o Bundestag no único parlamento livre da Europa e o Tribunal Constitucional de Karlsruhe no único tribunal que elabora acordos válidos para todas as constituições europeias, já não falando do próprio Tratado de Lisboa, que se encontra em parte incerta. Hoje, os povos europeus, incluindo os dos países que sendo da UE, mas não da Zona Euro, têm os

Hoje, quem governa não tem legitimidade. E os que são a fonte de toda a legitimidade, os cidadãos constituindo-se em povos, não têm poder



olhos postos em Berlim. A sua democracia é meramente virtual, até que a Alemanha valide as suas decisões.

De acordo com Beck, esta hegemonia não nasceu de um plano estratégico, mas da capacidade que Merkel revelou para aproveitar a oportunidade que a crise financeira global de 2008 lhe colocou nas mãos. O autor usa o termo «Merkieval», para sublinhar a proximidade da chanceler com a inteligência tática de Maquiavel. Merkel tem gerido a crise europeia usando quatro dispositivos:

a) mantém um equilíbrio ambíguo entre a ortodoxia do interesse nacional e a defesa de um «interesse europeu»; b) usa a hesitação como instrumento de castigo dos «países periféricos»; c) obedece, para selecionar os remédios que podem salvar o euro, ao critério de só escolher os que favorecem a sua «posição de poder» (segundo resgate à Grécia, sim, mas «eurobonds» não); d) universaliza a poupança alemã, como traço moral a inspirar toda a política europeia.

O PERIGO PERMANECE – A crise europeia exige, para ser superada positivamente, o que Beck designa como «políticas de configuração»: «Existem tempos para a pequena política, que executa as regras, e

existe um tempo para a grande política, uma política que altera as regras. Para encontrar uma resposta adequada à crise do euro – ou aos perigos das alterações climáticas ou do capitalismo financeiro desregulado – é necessária a grande política.»

Ora, a atual hegemonia germânica não só está a uma enorme distância dessa grandeza, como promete, caso tivesse sucesso, criar uma Europa de várias camadas. Não uma Europa de cidadãos, vivendo a realidade plural e libertadora de um republicanismo federal, com uma conceção policêntrica de Estado legitimada por múltiplas cidadanias, mas uma Europa hierarquizada, profundamente desigual e assimétrica.

Com esta Europa alemã completa-se a rutura, que vinha sendo alimentada há muito, entre uma integração europeia horizontal, experimentada pelos cidadãos (veja-se o programa Erasmus), e uma integração vertical, feita pelo jogo de opacidades da burocracia de Bruxelas e dos governos nacionais.

Hoje, quem governa não tem legitimidade. E aqueles que são a fonte de toda a legitimidade, os cidadãos constituindo-se em povos, não têm poder. Poderia existir melhor receita para a revolução que, mais tarde ou mais cedo, eclodirá na Europa? **V**